

Editorial

Perdemos em 2008, entre outros – cumpre a menção, por mais que indefinida, a esses decerto tantos outros.... –, dois grandes libertários: o brasileiro Roberto Freire e o francês Georges Lapassade. A memória se inquieta, se move (como adverte nossa página de entrada) e, no presente número, Mnemosine expande-se em biografias – uma das quais, por sinal, voltada à presença do libertário francês...no Brasil.

Também a “biografia” de Mnemosine tem lá suas inflexões: fugindo ao funesto destino da “ilusão biográfica”, rejeita linearidades, privilegia as vacilações e os momentos de desvio. Neste sentido, cumpre anunciar ser este o último número em que se encontra vinculada ao Programa Clio-Psyché. A revista parte, com sua editora, para novos espaços-tempo, sem se desligar, contudo, do Departamento de Psicologia Social e Institucional da UERJ.

Algo mudará (ou já mudou?). Quanto ao que consigo vislumbrar – entre o que ainda não é e o que não é mais –, prossegue voltada à história: interessam-lhe a memória, o caráter performativo dos discursos, a Análise Institucional, a desinstitucionalização, as práticas cotidianas (psi, particularmente), as formas narrativas (acadêmicas, literárias, cinematográficas...), as vicissitudes da saúde, da educação, da justiça, as venturas e desventuras das teorias, os acontecimentos. Sob uma inspiração foucaultiana diria, talvez melhor: interessa-lhe passar todos os universais pelo crivo da história. Ao menos pretendo, enquanto a acompanhar, lembrá-la disso. O número atual o evidencia, sem demandar extensas apresentações.

Como sempre, porém, chama pelo agradecimento: aos autores e pareceristas, a Simone Serafim (que não abandona o barco) e a Daniel Maribondo Barboza (nosso indispensável “bote salva-vidas”). Também

como sempre, convida à leitura, ao prosseguimento do diálogo e à amizade como modo de vida.

Heliana de Barros Conde Rodrigues